

# A NOVA HISTÓRIA, SUA MORAL, SUA ÉTICA E SUA ARTE

Wilson Alves de Paiva\*

## 1. O deslumbramento

*“Não concordo com Fukuyama, com essa história de fim da história. Não tem fim da história nenhum. Mas há uma nova história. É cedo, talvez, para vê-la com nitidez. Mas há, ou vai haver breve, uma nova história”.*

Fernando Henrique Cardoso

Assim se manifesta o presidente brasileiro ao responder seu interlocutor que o questiona sobre a crise do Estado Nacional, ou seja, do modelo de Estado que estamos acostumados e que se tem perpetuado por décadas e gerações.

Inequivocamente, vivemos hoje tempos diferentes. Uma era diferente, anômala, disforme, cujas nuances se encontram em formação constante num movimento que confundiria até Marx ou Hegel. Como afirma o presidente-sociólogo, não podemos ainda distinguir tais nuances *com nitidez*, “*Mas há, ou vai haver breve, uma nova história*”. Isso porque os acontecimentos atuais levam muitos a afirmar que verdadeiramente deixamos a modernidade com seu racionalismo, existencialismo, materialismo e vislumbramos, agora, sob a égide do pós-industrialismo, do pós-capitalismo, não uma crise de matrizes ou parâmetros, mas uma abstração completa da realidade. Os “ismos” atuais passam a buscar um consenso entre os extremos experimentados pela história. O contemporâneo não é tão materialista como pregavam Marx e Nietzsche, mas não tão espiritual como queria Santo Agostinho, não tão *infinito* na concepção de Parmênides, mas não tão *finito* no viés existencialista. Não é tão dialético como queriam Sócrates e Aristóteles, mas não tão alienado às leis naturais da sociedade como evocou Durkheim. O contemporâneo é... Bem, o contemporâneo é abstração e ponto final.

---

\* Licenciado Pleno em Pedagogia e Especialização em Psicopedagogia. Assessor Técnico da Secretaria de Executiva de Educação do Estado do Pará (Em licença para Pós-Graduação). Professor de Estrutura e Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Consultor em Educação. Ex-Secretário Municipal de Educação de Trairão (PA).

Rua: 12-A, n.º 40, Setor Oeste, Trindade- GO, CEP 75380-000.

Telefone: (62) 505 4434

E-mail: paivaw@bol.com.br e wp@riotapajos.com.br

Site pessoal: www.wilsonpaiva.kit.net

Mas o problema é que no meio dessa abstração, torna-se complicado definir com exatidão o papel do homem na sociedade, fica difícil diferenciar a autêntica criação da pura pastichização. Sem parâmetros, sem matrizes, sem valores que traduzem aspirações universais e necessidades imediatas dos povos, a humanidade se perde em sua própria abstração, quando não é subjugada pelo poder de alguma força hegemônica, uma maneira própria de ver essa *abstração*.

Seguindo a corrente das forças dominantes (leia-se ideologia), podemos dizer que Fukuyama está certo. "*Liberal democracy may constitute the end point of mankind's ideological evolution*".

Tanto Marx como Hegel acreditavam que a evolução histórica teria um fim quando a humanidade atingisse uma forma de sociedade que viesse a satisfazer as necessidades sociais. Ora, para os liberais, ou *neoliberais*, já atingimos a plena democracia, o pleno respeito ao cidadão e a todas as instituições democráticas, e a sociedade pós-industrial dará conta de resolver as questões mínimas e as resistências a essa nova visão e linguagem. Analisando o que diz Jameson, Gramsci, Bourdieu e, mais recentemente, Pablo Gentili e Michael Apple, tendemos a analisar que o engodo da democratização acelerada, da globalização, da internacionalização de valores morais, espirituais e materiais mascara a hegemonia do capital sobre a humanização da sociedade.

A crise do Estado é a crise da sociedade. Ofuscam-se os Estados, diminuindo-lhes o valor, ofuscam-se as relações sociais, as relações humanas, os valores, as artes e tudo que tínhamos emanados do **belo** plotiniano. Configura-se uma nova história, na qual, nas palavras do presidente, *é cedo para vê-la com nitidez*. É, portanto, o deslumbramento diante de uma história que muda costumes, regras, arte, conceitos e desmistifica o belo em favor da **pós-modernidade**.

Difícil não é contemplar, discutir ou mesmo digladiar com todos esses aspectos. Difícil é trabalhá-los coerentemente no espaço escolar. Como fica o professor diante de tudo isso? Como se dá seu deslumbramento? Sua inserção? Como ele formata e repassa tudo isso aos seus "pupilos"? Ele reproduz ou transforma? Adapta ou copia?

Como a escola não é um ambiente isolado, mas um organismo vivo, orgânico, latente, passa a tomar corpo nessa nova história, passa a ganhar força e significação. É por ela que passam todos os seres humanos, é ela que forma e pode ser ela que transforma. O papel do professor passa a ser de uma importância nunca antes experimentada, porque, mais do que nunca, a educação é a chave da pós-modernidade. E isso implica em alguns aspectos a serem analisados: o aspecto existencial da própria pós-modernidade e as imbricações socioculturais advindas desse processo. É o que veremos mais adiante.

## 2. Pós-modernidade?

*Dado que uma sociedade, segundo Smith, não é feliz quando a maioria sofre... é necessário concluir que a infelicidade da sociedade é a meta da economia política. As únicas engrenagens acionadas pela economia política são a avidez pelo dinheiro e a guerra entre aqueles que padecem disso, a concorrência.*

Karl Marx

Seguindo a lógica de Marx, a avidez pelo dinheiro, ou seja, o lucro, tem impulsionado o projeto social, que orientado pela *teoria do capital humano*, trouxe para o contexto histórico da atualidade a relação entre educação e desenvolvimento econômico. As perspectivas neoliberais mantêm a ênfase de que a educação serve para melhorar o desempenho do mercado e para a expansão da produtividade. De forma que as *engrenagens* impõem a “qualidade total” como norteadora das ações educacionais. A *Declaração Mundial de Educação para Todos* é um documento baseado nos princípios de igualdade, mas também no da competitividade do mercado. Com isso, a exigência sobre o professor se faz ao nível da sua eficiência em dominar conteúdos e códigos que veiculam a tecnologia produzida nos grandes centros.

Mudança de tamanha envergadura significa mudança no papel do professor o qual deverá dominar o produto dessa nova concepção social, processá-lo por capacidade de reflexão crítica e trabalhar-lo de forma criativa em sua prática pedagógica.

Nessa reflexão, pode-se questionar: A *nova história* seria uma nova era, uma ruptura com a modernidade? Os traços que delineiam a atualidade são configurações de uma pós-modernidade? Ou seria apenas um *desejo de ruptura, um estado de espírito*, como afirma Rouanet? Vejamos o que diz o pensador brasileiro:

O pós-moderno é muito mais a fadiga crepuscular de uma época que parece extinguir-se ingloriamente que o hino de júbilo de manhãs que despontam.(...) Fantasiado uma pós-modernidade fictícia, o homem está querendo despedir-se de uma modernidade doente... (ROUANET, 1998, p. 269).

A modernidade, além de ser doentia, gera, ainda, um estado de *esquizofrenia*, termo marcadamente usado por Jameson, o qual é um dos aspectos patológicos mais arraigados e disseminados na sociedade de hoje. A economia política a produz, como afirma Marx, e gera esse estado de ansiedade que permeiam todas as ações humanas. Que o digam Freud com seus estudos do inconsciente e Piaget na explicação da formação da mente. A escola se defronta com crianças e adolescentes esquizofrênicos, porque:

Em geral, o adolescente pretende inserir-se na sociedade dos adultos por meio de projetos, de programas de vida, de sistemas muitas vezes teóricos, de planos de reformas políticas e sociais. (PIAGET, 1994, p. 63)

A própria escola se encontra nessa *esquizofrenia* pelo fato de não conhecer seu real papel no jogo de interesses político-sociais. Sobre ela recaem pressões pela *qualidade total, desenvolvimento de competências, competitividade, autonomia, etc.* A educação, de um ato de conflitos e do “estado de espírito” rouanetiano, que aspira uma nova era, uma nova história. Dessa forma, escrevê-la é rejeitar a barbárie e a completa desconstrução do ser e do aniquilamento da raça como produto da modernidade. É promover, na visão de Boaventura, a realização dos projetos inacabados da modernidade, como a redução do fosso que separa ricos de pobres. E repetir em coro com os frankfurtianos: “*É preciso evitar que Aushwetiz se repita*”. Se o que estamos vivendo é modernidade, período de transição ou pós-modernidade, não importa. O que importa é a promoção do ser humano em sua totalidade. É a promoção do ato educativo como um ato formador, construtivo e transformador, mas numa ótica humanizadora, na qual a tecnologia e todo e qualquer progresso econômico signifique o progresso social e o progresso do indivíduo em sua omnilateralidade.

Isso só será possível com a domínio e a compreensão do ser como imanência da Ação Divina, como imanência do belo e da utilização da ética, como canal de comunicação entre as diversas forças que definem a multifacetada sociedade brasileira ou mundial, porque.. “*O mundo não é. O mundo está sendo.*” (PAULO FREIRE, 1996, p. 84).

Se o mundo não é, a história não é, o ser não é. Tudo está sendo. Tudo está em construção. Se ética e moral fazem parte dessa “obra de arte” que é a construção do ser, e, conseqüentemente, do mundo, ambas emanam de uma concepção geral de beleza universal, como nos diz Benedito Nunes:

*A nova ciência concebeu a arte como aquele produto da atividade humana que, obedecendo a determinados princípios, tem por fim produzir artificialmente os múltiplos aspectos de uma só beleza universal, **apanágio das coisas naturais.*** (NUNES, 2000, p. 10, o gripo é meu)

## ***O caso da ética, da moral e do ethos actualis***

*“Todos parecem ser especialistas em ética, mas talvez raros sejam os que fazem ética”.*

Raimunda Lucena Melo Soares

O advento da crise de referenciais em que vive a sociedade atual determina o fim de uma história (e não o fim da História). O fim de um

momento histórico baseado unicamente nos pilares do racionalismo, do positivismo e da exatidão das ciências. O extremo contrário à medievalidade prevaleceu até tornar-se incapaz de dar respostas às angústias do *fin de siècle*. Não se tem ainda, mesmo no século XXI, uma definição clara do que é moral, do que é ética, do que é realmente correto.

Soares sintetiza de forma prática essa questão polêmica. Raros são os que sabem o que isso significa. Por que é tão difícil ser ético? Por que é tão difícil agir sobre o determinismo da natureza, tomando o sentido kantiano de natureza, como o reino da causalidade natural, do determinismo e controlar os impulsos? Dando seqüência à reflexão kantiana, os princípios racionais do dever, da organização, da ordem, da responsabilidade deveriam sobrepor a uma espécie de *determinismo* natural que se institucionalizou e se legitimou por meio das práticas sociais de autoritarismo e supremacia.

Muito se fala de ética e *todos parecem ser especialistas em ética*. E, apesar de tudo, tal discussão é salutar na medida que nos remete ao plano da construção, à idéia de *mundo que está sendo*. É salutar levar tal discussão ao campo educacional, porque é impossível dicotomizar o ensino de conteúdos e a formação ética dos educandos. A ética deve permear a prática docente tendo em vista a exigência atual de formar a autonomia, mas também a premência de formar a responsabilidade. Assim, como não há liberdade sem autoridade, não pode haver autonomia sem responsabilidade. E nisso consiste todo o *ethos actualis*, o ethos da moralidade: fazer o que é necessário, o que é de minha responsabilidade. Nisto o papel do professor se amplia: Não posso ensinar o que não sei. “*O melhor discurso sobre ele é o exercício de sua prática*” (FREIRE, 2000, p. 107). O professor deve conhecer, falar e praticar a ética, deve desenvolver o conceito de respeito mútuo, respeito ao ser como um todo, às idéias diferentes, respeito às instituições, sem, portanto, cair num quietismo fatalista e perverso. Se há a ética, há a possibilidade de transgressão da ética, dentro de uma concepção puramente *ética*: irromper o determinismo em favor dos princípios racionais do dever, da responsabilidade e da liberdade, frente a uma possível imposição de valores, a forças reacionárias que, de forma latente, subsiste na prática educacional.

Para tanto, a escola deve situar-se de forma construtiva nesse processo de transformação social, procurando compreender seu papel histórico e seu valor nas definições dos rumos daquilo que Rouanet chama de *neomodernidade*. A escola deve encampar uma prática político-pedagógica cidadã no seu dia-a-dia, mediante um intenso trabalho de participação, cooperação e respeito mútuo.

Entretanto, o que vemos, ao analisar nossas escolas, é uma prática insistentemente positivista a influenciar leis, códigos, regimentos, e, o que é pior, toda a prática pedagógica do professor. O autoritarismo, o diretivismo e

o unilateralismo estão tão presentes que impedem o professor de vislumbrar as possibilidades que se levantam nesse início de milênio. Vivemos uma época extremamente capitalista, na qual os valores éticos, estéticos e morais são guiados pela ganância do lucro e da massificação da cultura de mídia, do consumo? Sim, vivemos. É um fato. Mas “*A sala de aula, ao seguir outra lógica que não a do consumo, pode virar um espaço indispensável para que a criança se estruture com outros valores.*” (BUCCI, 2001, Revista Nova Escola).

Romanticamente falando ou “paulofreirianamente” falando, a sala de aula deve ser um ateliê onde esses “outros valores”, de que fala Bucci, devam ser criados, experimentados, moldados e remodelados numa ótica de valorização do homem e da sociedade como espaço da interação e da integração. Se isso é um sonho,

Prefiro ser criticado como idealista e sonhador inveterado por continuar, sem relutar, a apostar no ser humano, a me bater por uma legislação que o defenda contra as arrancadas agressivas e injustas de quem transgride a própria ética. (FREIRE, 1996, p. 146)

## ***Balanço e perspectiva***

*“O problematismo da arte contemporânea é, portanto, radical. Em cada obra de arte que se produz está em jogo o destino da arte; em cada uma delas o artista arrisca-se a matá-la ou a fazê-la existir.”*

Benedito Nunes

A contemporaneidade é o resultado de um intenso diálogo do homem consigo mesmo e do homem com o mundo, cuja gênese está nas pinturas rupestres do período paleolítico. Sua expressão inicial gerou a expressão do ser. Está implícito nesse ato imanente o processo de construção do conhecimento. E construção de conhecimento é basicamente o princípio da educação. O homem da caverna estava praticando educação não só quando pintava como quando era observado e imitado pelo filho ou por outros membros do grupo. Se arte é, portanto, práxis criadora, a educação deve considerar-se arte para contemplar-se, também criadora, numa perspectiva de construção de matrizes que referenciem o *momentum* disforme e incerto que estamos vivendo. Está na educação, ou seja, na sua capacidade criadora, o delineamento ético, moral e estético que deverá configurar uma possível sociedade *pós-moderna*.

Para Domenico de Masi, professor de filosofia da Universidade *La Sapienza* de Roma e autor do livro *O ócio criativo*, foi a sociedade moderna, industrial que expulsou o belo, o sensível, o estético do mundo do trabalho. Nunes vai mais além quando diz que o poder da técnica moderna, o trabalho industrial monótono “torna-se um processo cada vez mais impessoal, refratário às necessidades criadoras e expressivas dos indivíduos” (NUNES, 2000, p. 109).

E aqui voltamos à abstração da arte e da realidade. Seria uma fuga num puro estilo freudiano? Ou uma reação à simples imitação e/ou à força da cultura de massa? Ortega y Gasset acredita numa desumanização da arte e o que poderíamos estender como uma desumanização da sociedade.

Se a modernidade não resolveu seus problemas mais críticos e disso tenha decorrido essa desumanização, essa extrema degradação de valores culminando na crise ética que vivenciamos, a dita sociedade “pós-moderna” depende inteiramente de como estamos trabalhando nossa educação, até porque, para Hegel, o *Ideal* é determinado historicamente. O momento histórico atual deve determinar o *Ideal*, como fruto do processo educacional, definindo a nova história, sua moral, sua ética e sua arte.

E, parafraseando Nunes, o problematismo da educação contemporânea é, portanto, radical. Em cada tipo de educação trabalhada está em jogo seu próprio destino. Em cada tipo de educação, o professor se arrisca a matá-la ou fazê-la existir.

## Notas

A democracia liberal pode constituir o ponto final na evolução ideológica da humanidade (tradução do autor).

Na década de 60, Theodoro Schultz defendeu a educação como fonte de investimento, trabalhando a idéia da relação educação e trabalho a partir da teoria do “capital humano”.

## Referências

NUNES, Benedito. **Introdução à Filosofia da Arte**. 5. ed. São Paulo: Ática: 2000.

PENEDOS, Álvaro J. **Introdução aos Pré-Socráticos**. Porto, Portugal: Rés-Editora, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** saberes necessários à prática educativa. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FUKUYAMA, Francis. **The end of History and the Last Man.** New York: Avon Books, 1998.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de Psicologia.** 20. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

SOARES, Raimunda Lucena Melo(org.). **Seminários de Educação:** elementos para uma análise da prática educacional. Belém: Suyá, 2000.

MASI, Domenico. **O ócio criativo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **O Presidente segundo o Sociólogo.** entrevista de Fernando Henrique Cardoso a Roberto Pompeu de Toledo. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo.** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

Recebido em: 10/1/2003

Aprovado em: 2/3/2003